

## Auto-atividade e atividade técnica: aproximações entre Marx e Simondon para pensar o trabalho

*Rafael Alves Scarazzati<sup>1</sup>*

**Resumo:** Gilbert Simondon, em sua filosofia não autocrática da técnica, criticou o hilemorfismo, teoria aristotélica para a origem, que concebe a formação do indivíduo através da imposição de uma forma tida como ideal sobre uma matéria passiva. Para Simondon, é primeiro porque o homem, como portador da forma, domina a natureza, que ele pode dominar outros homens. Ao refletir sobre o modo de existência dos objetos técnicos, o filósofo percebe que a própria concepção de trabalho ocidental reproduz situações de dominação decorrentes dessa cisão e dominação inicial sobre a natureza, da divisão entre trabalho manual e intelectual, saber sensível e científico, conflito entre cultura e técnica. Neste movimento, o autor defenderá que o próprio trabalho é fonte de alienação, sendo insuficiente a crítica que localiza a alienação na relação da propriedade privada e no jogo da mais-valia. Em seu entendimento, o marxismo localiza a alienação fora do trabalho. O presente texto, de forma introdutória, apresenta momentos dessa reflexão. Por fim, são visitados alguns textos menos explorados de Marx, inclusive estudos relativos à tecnologia, em que encontramos uma rica reflexão sobre a relação do trabalhador com a máquina, a ciência aplicada ao capital, e outras questões, as quais, apesar de neste texto não serem aprofundadas, dão indicações de uma aproximação maior entre os dois autores.

**Palavras-chave:** Alienação. Trabalho. Atividade técnica (Simondon). Auto-atividade (Marx).

## Self-activity and technical activity: approximations between Marx and Simondon to think about work

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutorado em Sociologia no Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4312-0796>. E-mail: rafael.alves@ifsp.edu.br  
**Submetido em:** 05/11/2022 – **Aceito em:** 16/11/2022

**Abstract:** Gilbert Simondon, in his non-autocratic philosophy of technique, criticized hylemorphism, the Aristotelian theory of origin, which conceives the formation of the individual through the imposition of a form considered ideal on a passive matter. For Simondon, it is first because man, as the bearer of form, dominates nature, that he can dominate other men. When reflecting on the mode of existence of technical objects, the philosopher realizes that the very conception of Western work reproduces situations of domination resulting from this split and initial domination over nature, from the division between manual and intellectual work, sensitive and scientific knowledge, conflict between culture and technique. In this movement, the author will defend that work itself is a source of alienation, and the criticism that locates alienation in the relationship of private property and in the game of surplus value is insufficient. In his understanding, Marxism locates alienation outside work. This text, in an introductory way, presents moments of this reflection. Finally, some less explored texts by Marx are visited, including studies related to technology, in which we find a rich reflection on the relationship between the worker and the machine, science applied to capital, and other issues, which although in this text are not in-depth, indicate a closer relationship between the two authors.

**Keywords:** Alienation. Work. Technical activity (Simondon). Self-activity (Marx).

## **Autoactividad y actividad técnica: aproximaciones entre Marx y Simondon para pensar el trabajo**

**Resumen:** Gilbert Simondon, en su filosofía no autocrática de la técnica, criticó el hilemorfismo, teoría aristotélica del origen, que concibe la formación del individuo mediante la imposición de una forma considerada ideal sobre una materia pasiva. Para Simondon, es en primer lugar porque el hombre, como portador de la forma, domina la naturaleza, que puede dominar a otros hombres. Al reflexionar sobre el modo de existencia de los objetos técnicos, el filósofo se da cuenta de que la concepción misma del trabajo occidental reproduce situaciones de dominación resultantes de esta escisión y dominación inicial sobre la naturaleza, de la división entre trabajo manual e intelectual, conocimiento sensible y científico, conflicto entre cultura y técnica. En este movimiento, el autor defenderá que el trabajo mismo es fuente de alienación, siendo insuficiente la crítica que ubica la alienación en la relación de propiedad privada y en el juego de la plusvalía. A su entender, el marxismo sitúa la alienación fuera del trabajo. Este texto, de manera introductoria, presenta momentos de esta reflexión. Finalmente, se visitan algunos textos menos explorados por Marx, incluidos los estudios relacionados con la tecnología, en los que encontramos una rica reflexión sobre la relación entre el trabajador y la máquina, la ciencia aplicada al capital, y otras cuestiones, que si bien en este texto son no profundizados, dan indicios de una mayor aproximación entre los dos autores.

**Palabras clave:** Alienación. Trabajo. Actividad técnica (Simondon). Autoactividad (Marx).

## Introdução

Criticar a categoria trabalho não é tarefa fácil.

Tal dificuldade se dá, mais especificamente, em círculos com predominância de pensamento binário, de modo que, ao sinal de qualquer comentário que não seja uma apologia ao trabalho, à figura do trabalhador, conclui-se que se trata de defesa do capital.

Não se dá o tempo e atenção necessários para compreender que a reflexão pode ter o objetivo de encontrar os elementos alienantes no processo de trabalho, para além do óbvio estranhamento presente na venda de força de trabalho, no trabalho abstrato da sociedade capitalista.

Assim, peço um pouco de paciência ao leitor. Buscarei apresentar algo da reflexão do filósofo Gilbert Simondon sobre 'o trabalho'. E não me refiro agora 'à categoria trabalho', pois dada a limitação deste texto, não buscarei o rigor de citações e construção do texto filosófico, mas apontamentos do pensamento do autor, em articulação com a maneira como o trabalho é percebido e desenvolvido em nosso tempo.

Além de paciência, um pouco de confiança daqueles que, de início, se incomodam com a crítica ao trabalho. Verão que as possibilidades abertas pela reflexão de Simondon ecoam com os anseios do próprio Marx, desde que não se reduza o pensamento do autor de *O capital* a um economicismo, ou se considere Simondon exclusivamente como pensador da técnica.

Também por isso, ainda que Simondon não esteja escrevendo em diálogo, e menos ainda em resposta à Marx, pontualmente farei aproximações, pois acredito contribuir para a reflexão sobre o trabalho e, por outro lado, novidade aos interessados no pensamento de ambos os autores<sup>2</sup>.

O tema principal de Simondon é o processo de individuação.

---

<sup>2</sup> Para um percurso mais detido sobre os textos marxianos, com enfoque nos estudos sobre ciência e tecnologia, bem como reflexões sobre trabalho e técnica, incluindo uma discussão à luz do pensamento de Simondon, Cf. Silva, 2014.

Sua tese de doutorado principal, defendida em 1958, leva o título de *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* (2005a), já a tese secundária, *Du mode d'existence des objets techniques* (1989).

O autor não trata a tecnologia como alheia à vida humana e mostrará como, hoje, a realização das potências do humano está associada à realização das potências dos objetos técnicos. Em seu exercício de reflexão, Simondon pensará a técnica separada do trabalho (não sem desconsiderá-lo), algo que a cultura ocidental demonstrou dificuldade em fazer. A intenção do filósofo de compreender a técnica em sua dimensão genética própria, por outro lado, nos ajudará a compreender o trabalho ou, como veremos, a atividade, em sua especificidade.

A realidade do objeto técnico esteve, até hoje, num segundo plano, atrás do trabalho humano. "O objeto técnico foi apreendido através do trabalho humano, pensado e julgado como instrumento, ajudante ou produto do trabalho" (Simondon, 1989, p. 241)<sup>3</sup>. Seria preciso realizar uma inversão, e Simondon chama a atenção para que tal operação seria em favor do humano mesmo. Tal inversão permitiria o que há de humano no objeto aparecer diretamente, sem passar pela relação de trabalho. É o trabalho o que deve ser conhecido como fase da tecnicidade, e não o contrário.

Diante de uma visão do trabalho que considera naturalista e insuficiente – o trabalho como exploração da natureza por parte dos homens em sociedade –, o filósofo propõe que o trabalho seja compreendido como aspecto da operação técnica, que não se reduz ao trabalho.

Somente há trabalho quando o homem deve doar seu organismo como portador de ferramentas, quer dizer, quando o homem deve acompanhar através da atividade de seu organismo, de sua unidade somato-psíquica, o desenrolar etapa por etapa da relação

---

<sup>3</sup> Todas as citações dos textos de Simondon, bem como de Muriel Combes são tradução minha.

homem-natureza. O trabalho é a atividade pela qual o homem realiza em si mesmo a mediação entre a espécie humana e a natureza (Simondon, 1989, p. 241).

Se por um lado estamos próximos de uma das definições de Marx para o trabalho, a de que este é "uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana" (Marx, 1996, p. 172), por outro o pensamento de Simondon tem nuances importantes.

Em Marx, o trabalho como metabolismo com a natureza aparece como eterna necessidade; Simondon considera que o trabalho como exploração da natureza está relacionado a uma situação à qual o homem se adapta à natureza que o condiciona, e este tipo de relação, para o pensamento do autor, é mais pobre, assim como menos profícua a noção de adaptação nesse sentido.

Além disso, por portador de ferramentas, Simondon entende que o humano atua seguindo passo a passo, gesto por gesto esta ação de relação homem-natureza. Extrair algo da natureza através de uma máquina, para o filósofo francês, não é exatamente trabalho, apesar de poder estar suprimindo uma necessidade humana como aparece na formulação de Marx.

"Há trabalho quando o homem não pode confiar ao objeto técnico a função de mediação entre a espécie e a natureza, e deve realizar ele mesmo, através de seu corpo, seu pensamento, sua ação, esta função de relação" (Simondon, 1989, p. 242). O homem é portador de ferramentas quando emprega sua própria individualidade para organizar esta ação.

Ocorre que Simondon considera que o misto de natureza e homem constitui o objeto técnico concretizado, e operar um objeto técnico ao interagir com a natureza não é o mesmo tipo de relação que aquela do portador de ferramentas: "a operação sobre o ser técnico não é exatamente um trabalho" (Simondon, 1989, p. 242).

No trabalho, o homem chega com uma intenção de resultado, com uma forma, modela a matéria segundo esta forma. Esta

forma-intenção expressa uma necessidade ou utilidade para o homem, não toma parte na matéria sobre a qual atua o trabalho. O trabalho faz coincidir duas realidades heterogêneas, matéria e forma, torna o homem consciente dos termos da relação, mas não da interioridade da operação<sup>4</sup>.

Para o trabalhador ou o homem que dirige um trabalho, ocupados com a forma a figurar e a matéria-prima, e não com a operação de tomada de forma, resta obscura esta relação na qual matéria e forma são levadas a coincidir. Assim, podemos dizer que o esquema hilemórfico representa para o pensamento filosófico a operação técnica reduzida ao trabalho e tomada assim como paradigma universal da gênese dos seres.

"Seria preciso poder entrar no molde com a argila, tornar-se ao mesmo tempo molde e argila, viver e sentir sua operação comum para poder pensar a tomada de forma em si mesma" (Simondon, 1989, p. 243). Ao fazer, por exemplo, um tijolo, o homem prepara a argila e o molde, mas a argila toma forma segundo o molde, não é o trabalhador quem lhe dá forma, ele prepara a mediação, mas não a realiza.

Ainda que o homem seja muito próximo dessa operação, não a conhece; a representação da operação técnica não aparece no trabalho. Durante todo o tempo que o homem praticou o trabalho sem utilizar os objetos técnicos, o saber técnico apenas pôde ser transmitido de maneira implícita e prática, através dos hábitos e gestos. Este saber motor permite preparar as duas semi-cadeias técnicas, a que parte da forma e a que parte da matéria, mas não penetra no molde, sendo, em essência, pré-técnico.

---

<sup>4</sup> É fundamental a crítica de Simondon ao *hilemorfismo*, teoria segundo a qual matéria e forma seriam os dois elementos fundamentais para todo ser. "Formado a partir de *hylê* (matéria) e de *morphê* (forma), este termo designa a teoria aristotélica para a origem, que explica a formação do indivíduo pela associação de uma forma e de uma matéria, a forma, ideal (traduzimos igualmente por forma o termo grego *eidos*), se imprime na matéria concebida como passiva" (Combes, 1999, p. 8). Para Simondon, tal concepção carrega um princípio de dominação que seguirá produzindo sujeição e dominação em seus desdobramentos, como no trabalho.

Ao contrário,

o saber técnico consiste em partir do que se passa no interior do molde para encontrar desde esse centro as diferentes elaborações que poderiam prepará-lo. Quando o homem já não intervém como portador de ferramentas, não pode deixar na obscuridade o centro da operação (Simondon, 1989, p. 243).

Esse centro deve ser produzido pelo objeto técnico, que não pensa ou sente. Ao construir o objeto técnico, o homem tem necessidade de representar o funcionamento que coincide com a operação técnica que o realiza, não há heterogeneidade entre a preparação técnica e o funcionamento desta operação. A fabricação do objeto técnico já não leva consigo esta zona obscura entre forma e matéria.

Ao analisar a operação de tomada de forma, Simondon percebe que o esquema hilemórfico corresponde ao paradigma do trabalho e ele põe a isso o saber técnico.

A atividade técnica, ao edificar o mundo dos objetos técnicos e generalizar a mediação objetiva entre homem e natureza, aproxima o homem da natureza segundo um vínculo muito mais rico e melhor definido que o da relação específica do trabalho coletivo. Através do esquematismo técnico se institui uma convertibilidade do humano em natural e do natural em humano (Simondon, 1989, p. 245).

Construir um objeto técnico é preparar uma disponibilidade, se produz uma liberação da realidade humana cristalizada no objeto técnico. **O agrupamento industrial não é o único possível**, "se pode também realizar agrupamentos não produtivos que têm por finalidade ligar (...) o homem à natureza" (Simondon, 1989, p. 246).

O que caracteriza o objeto técnico é o funcionamento. O paradigma do trabalho leva a considerar o objeto técnico como

utilitário. "Não se pode falar em trabalho de uma máquina, mas somente de um funcionamento, que é um conjunto ordenado de operações" (Simondon, 1989, p. 244).

Ora, se não se pode falar em trabalho de uma máquina, podemos, por outro lado, considerar que trabalho é aquilo que uma máquina não pode fazer. O trabalhador que executa mecanicamente uma tarefa repetitiva está próximo ao funcionamento de uma máquina. Com efeito, Simondon apontou anteriormente que há trabalho quando não se pode confiar ao objeto técnico a função de mediação entre a espécie e a natureza. É evidente que tarefas que anteriormente necessitavam do humano, se apresentam de forma diferente com a existência do indivíduo técnico. E para entender isso de forma mais simples, basta pensarmos naquele que executa uma tarefa no lugar de uma máquina que já está disponível, por economia, por defesa política de seu emprego.

Por um lado, para aqueles que temem que o trabalho perca sua importância, que defendem a centralidade do trabalho na vida social, Simondon não o está descartando, ao contrário, de certo modo ele eleva a dignidade do trabalho ao separar o trabalho do homem do funcionamento da máquina, mas também aponta o caráter alienante do trabalho que chega com uma forma pré-definida, com um resultado esperado, que realiza uma exploração da natureza, que se dirige aos fins em nome de uma necessidade. Ao fazer essa crítica ao trabalho, o filósofo abre as possibilidades para que outra relação com a natureza e a técnica seja estabelecida, mas, ao fazer isso, o trabalho devém *atividade técnica*.

Em Simondon, a atividade humana não é desconsiderada numa apologia às máquinas. São reconhecidas as especificidades de humanos e máquinas. A atividade humana, sua relação com a técnica e com a natureza, supera o esquema alienante do trabalho ao reconhecer a realidade técnica e estabelecer uma relação não autocrática com os objetos técnicos e com a natureza.

"A distinção hierárquica do manual e do intelectual não repercute no mundo dos objetos técnicos. Assim, o objeto técnico aporta uma categoria mais vasta que aquela do trabalho: o funcionamento operativo" (Simondon, 1989, p. 246-7).

Tal funcionamento operativo supõe em sua base um ato de invenção. "A invenção não é um trabalho; não supõe uma mediação, levada a cabo pelo homem somatopsíquico, entre a natureza e a espécie humana" (Simondon, 1989, p. 247), não é apenas uma reação adaptativa.

A invenção, ao lado da criatividade e da descoberta, é uma das grandes formas da função do novo no humano (Simondon, 2005b). Já que as realizações técnicas aparecem por invenção, ela trata de resolver um verdadeiro problema (Simondon, 2005c, 2005d).

Trazendo para nosso 'dia a dia', lembro de um comentário do dramaturgo alemão Heiner Müller quando, em uma entrevista de 1995, disse que a organização produtiva encontra-se em um estágio em que muitos não têm trabalho e que uma enorme parcela dos que estão 'ativos' resolvem falsos problemas. Com o *management* pregando que em toda instituição busca-se a solução de problemas, Müller (1996) conclui que, na verdade, trata-se de criar problemas.

Por isso é preciso destacar que a invenção, essa característica humana, trata de resolver um verdadeiro problema. A criação e solução de falsos problemas para a manutenção de empregos – mudanças em linguagens que já funcionam, obsolescência programada que gera manutenção, desenvolvimento de acessórios de consumo sem real evolução do objeto técnico – é trabalho e não invenção.

Quem inventa, não é o indivíduo, mas o sujeito, mais vasto e rico que o indivíduo, pois leva consigo, além da individualidade do ser individuado, uma certa carga de natureza, de ser não individuado, ou seja, de potência pré-individual<sup>5</sup>.

O grupo social de solidariedade funcional, como a comunidade de trabalho, somente põe em relação os seres individuados. Por esta razão os localiza e aliena necessariamente, inclusive fora de toda modalidade econômica como a que descreve Marx sob o nome

---

<sup>5</sup> Da relação entre ser e indivíduo em Simondon, cf. Combes, 1999.

de capitalismo: se poderia definir uma alienação pré-capitalista essencial ao trabalho enquanto trabalho (Simondon, 1989, p. 248).

Simondon aponta a ineficiência dos métodos psicológicos aplicados ao problema do trabalho. Para o autor, trata-se de tentar compensar a alienação do trabalho por outra alienação, o psíquico separado<sup>6</sup>.

Os problemas do trabalho são os problemas relativos à alienação causada pelo trabalho, e esta alienação não é somente econômica pelo jogo da mais-valia; nem o marxismo, nem este contra-marxismo que é o psicologismo no estudo do trabalho através das relações humanas, podem encontrar a verdadeira solução, porque ambos localizam a fonte da alienação fora do trabalho, enquanto que o trabalho mesmo, como trabalho, é fonte de alienação (Simondon, 1989, p. 248-9).

Importante destacar que nesta passagem Simondon se refere ao marxismo, e não a Marx. Além disso, não diz com isso que a alienação econômica não exista, mas levanta a hipótese de que a causa essencial da alienação esteja no trabalho, e que a alienação descrita por Marx seja uma das modalidades dessa alienação mais ampla, cujo fundamento é mais implícito: "a alienação essencial à situação do ser individual no trabalho" (Simondon, 1989, p. 249).

É preciso acompanhar de perto este ponto da reflexão de Simondon, pois o filósofo realizou uma operação extremamente difícil: se já é complicado pensar fora da 'matriz trabalho', Simondon conseguiu pensar fora do Capital. Não é que ele o desconsidere, e isso fica claro nestas passagens, mas ele pode pensar a técnica e a relação do humano com o mundo natural e o mundo técnico diretamente. A alienação presente na relação de

---

<sup>6</sup> Simondon não cita diretamente nenhum autor como representante dessa psicologia do trabalho, mas em sua bibliografia consta *Le travail en miettes* (O Trabalho em migalhas), de George Friedmann (1964). Também: cf. Chateau, 2008, p. 118.

propriedade privada existe, mas não será suficiente aboli-la se a alienação técnica não for combatida. Não adiantará – e o socialismo soviético é apenas o exemplo mais óbvio, como já demonstrado por Robert Kurz (1999) – superar a propriedade dos meios de produção sem superar o trabalho, entendendo este como dominação da natureza, que atende a necessidades, objetivando fins, entre outras características que contribuem para o estranhamento (*Entfremdung*) na relação de humanos entre si e destes com não humanos.

"Se a hipótese é certa, a verdadeira via para reduzir a alienação não se situaria no domínio do social (com a comunidade de trabalho e a classe), nem no domínio das relações interindividuais que a psicologia social considera habitualmente, mas ao nível do coletivo transindividual"<sup>7</sup>. O objeto técnico surgiu num mundo

---

<sup>7</sup> O conceito de transindividual é complexo na obra de Simondon, carecendo de uma definição sintética. Porém, ainda que sem possibilidade de aprofundamento nos limites deste texto, é preciso destacar que o transindividual é tratado por Simondon como um regime de individuação (Simondon, 2005a), não se confundindo com uma espécie de diálogo entre indivíduos num coletivo, o que seria, mais precisamente, interindividual. "O transindividual é uma individuação que está para além das relações biológicas e interindividuais. (...) O transindividual não deixa de ser uma condição paradoxal da individuação: por um lado, a individuação vital é a realização da individuação biológica disponível para toda a individualidade. Por outro lado, a individuação biológica não esgota a carga de realidade pré-individual responsável por lançar o indivíduo numa segunda individuação. Em suma, o transindividual se realiza como reativação da carga pré-individual que se mantém latente ao longo da individuação biológica. Essa mesma carga pré-vital se realiza também no transindividual, pois é pela tensão, pelo equilíbrio metaestável que a segunda individuação se realiza" (Novo, 2019: 30).

"Portador da realidade pré-individual, o humano encontra no outro uma outra carga desta realidade [...]. Pode-se dizer neste sentido que a espiritualidade é marginal em relação ao indivíduo mais do que central, e que ela não institui uma comunicação das consciências, mas uma sinergia e comum estruturação dos seres. O indivíduo não é somente indivíduo, mas uma *reserva* de ser ainda impolarizado, disponível, em espera. O transindividual está com o indivíduo, mas ele não é o indivíduo individuado" (SIMONDON, 2005a, p. 295, grifos do autor).

onde as estruturas sociais e os conteúdos psíquicos foram formados pelo trabalho. Em lugar de criar um mundo técnico, com novas estruturas, é introduzido no mundo do trabalho. "A máquina é conhecida e utilizada através do trabalho e não através do saber técnico", de modo que a relação do trabalhador com ela é inadequada, pois ele opera sobre ela sem que seu gesto prolongue a atividade de invenção (Simondon, 1989, p. 249).

*A zona obscura central* característica do trabalho se transfere para a utilização da máquina: agora a zona obscura é o funcionamento da máquina, a origem da máquina, a significação do que faz e a maneira em que está feita. Conserva-se a obscuridade central primitiva do esquema hilemórfico: o homem conhece o que entra na máquina e o que sai dela, mas não o que faz (...). A alienação do trabalhador se traduz na ruptura entre o saber técnico e o exercício das condições de utilização (Simondon, 1989, p. 249-250).

E Simondon apresenta sua proposta, destacando a relação do humano com o objeto técnico:

A atividade técnica se distingue do simples trabalho, e do trabalho alienante, pelo fato de que a atividade técnica não implica somente a utilização da máquina, mas também um certo coeficiente de atenção ao funcionamento técnico, manutenção, ajuste, melhoria da máquina, que prolonga a atividade de invenção e de construção (Simondon, 1989, p. 250).

---

Para a discussão deste texto, é interessante destacar o papel do objeto técnico neste processo. "Por intermédio do objeto técnico se cria, então, uma relação inter-humana que é o modelo da transindividualidade. Se pode entendê-la por uma relação que põe os indivíduos em relação, mas não mediante sua individualidade constituída, separando-os uns dos outros, nem mediante aquilo que há de idêntico em todo ser humano, por exemplo as formas *a priori* da sensibilidade, mas mediante esta carga de realidade pré-individual, esta carga de natureza que é conservada com o ser individual, e que contém potenciais e virtualidade" (Simondon, 1989, p. 248).

Esse papel de usuário, de utilizador da máquina sem qualquer tipo de conhecimento quanto ao seu funcionamento, a separação entre construção e utilização, pode estar presente nos mais diferentes tipos de trabalho. Mas é preciso expandir o entendimento a partir dos apontamentos de Simondon, é preciso pensar em quando o trabalho ocorre sem qualquer tipo de invenção, sem nenhum devir criativo, ou seja, na forma como o filósofo apresenta a questão, quando o trabalho ocorre como simples trabalho e não atividade técnica.

"Os objetos técnicos que mais produzem alienação são aqueles que também estão destinados a usuários ignorantes" (Simondon, 1989, p. 250).

"Os conceitos econômicos são insuficientes para considerar a alienação característica do trabalho. As atitudes do trabalho são em si mesmas inadequadas ao pensamento técnico e à atividade técnica" (Simondon, 1989, p. 251). Mas as condições econômicas amplificam e estabilizam essa alienação: na configuração industrial, os objetos não pertencem àqueles que os utilizam.

Por outro lado, não bastaria que os trabalhadores fossem proprietários das máquinas. "Possuir uma máquina não é conhecê-la" (Simondon, 1989, p. 252). Seria preciso descobrir um modo social e econômico em que ao usuário fosse possível não apenas utilizar a máquina, mas escolhê-la e mantê-la, conhecendo sua manutenção. O que ocorre com mais frequência é que a máquina seja fabricada como "objeto técnico absoluto, pouco adaptado ao intercâmbio de informação entre a máquina e o homem" (Simondon, 1989, p. 252).

Para que a informação seja intercambiada, é necessário que o humano possua uma cultura técnica, ou seja, um conjunto de formas que ao encontrar as formas trazidas pela máquina produza uma significação. "Esta alienação existe tanto na direção quanto nos trabalhadores. (...) as categorias do capital e do trabalho são inessenciais em relação com a atividade técnica" (Simondon, 1989, p. 252).

A comunicação inter-humana deve instituir-se ao nível das técnicas, através da atividade técnica, e não através dos valores do trabalho ou de critérios econômicos. "Este nível da organização técnica, onde o homem encontra ao homem não como membro de uma classe, mas como ser que se expressa no objeto técnico, homogêneo em relação com sua atividade, é o nível do coletivo, superando o interindividual e o social dado" (Simondon, 1989, p. 253).

A relação com o objeto técnico não se encontra adequada de indivíduo a indivíduo – salvo em raros casos, pondera Simondon –, ela apenas se institui na medida em que faz existir essa realidade interindividual coletiva, pois cria um acoplamento entre as capacidades inventivas e organizativas de vários sujeitos.

Vemos como esta proposta é bastante diferente da divisão social do trabalho. No lugar de indivíduos especializados organizados em sociedade através do trabalho, a sinergia ocorre entre seres humanos e técnicos, **acoplando não as necessidades e especializações, mas as capacidades inventivas, carregadas de potenciais e virtualidade – "O trabalho deve devir atividade técnica"** (Simondon, 1989, p. 251-2).

Para Simondon, o mundo técnico é o mundo do coletivo. A organização, em relação à vida industrial, pode ser pensada ao nível da operação técnica, não como enfrentamento de classes.

A conservação da noção de trabalho como centro do social, e a permanência antagonista de um psicologismo das relações humanas ao nível da direção e do capital, mostram que a atividade técnica não é pensada em si mesma: somente é apreendida através de conceitos sociológicos ou econômicos (...): subsiste a zona obscura entre capital e trabalho, entre psicologismo e sociologismo; entre o individual e o social se desenvolve o transindividual que, atualmente, não é reconhecido e somente é estudado através dos dois aspectos extremos do trabalho do trabalhador ou da direção da empresa (Simondon, 1989, p. 253-4).

## Algo entre Simondon e Marx

Simondon defende uma transformação de nossa relação com a técnica, analisando o que considera uma alienação do homem em relação à máquina. Ele considera essa alienação numa dimensão psico-fisiológica, apontando que a máquina não prolonga mais o esquema corporal, enquanto o homem segue habituado com o papel de portador de ferramentas.

Esta transformação da relação com a técnica implica mudanças sociais. A compreensão adequada da tecnicidade exige mudanças entre as quais, em primeiro lugar e de maneira direta, a supressão do trabalho. O trabalho deve devir atividade técnica.

A alienação do trabalhador está na ruptura entre o saber técnico e a utilização da máquina, de onde vem a defesa de que seria preciso um modo social e econômico em que o usuário do objeto técnico fosse não somente proprietário, mas também quem escolhe e faz a manutenção da máquina, tendo conhecimento para isso.

As considerações de Simondon a respeito de nossa relação com as máquinas desembocam, na conclusão de *Du mode d'existence des objets techniques* (1989), em uma crítica do trabalho, entendido como momento privilegiado da alienação do homem em relação à máquina. O esquema hilemórfico é compreendido como transposição ao pensamento filosófico da operação técnica reduzida ao trabalho, partindo daí o paradigma da gênese dos seres. A situação de trabalho repousa sobre uma separação entre a intenção humana e a natureza, trata-se de imprimir à matéria sobre a qual o trabalho atua uma forma de procedência humana, como sendo não natural.

O trabalho é definido, assim, como a operação que impõe uma forma a uma matéria passiva e indeterminada, "e nesse sentido reflete a situação social histórica que o viu nascer: a escravidão" (Combes, 1999, p. 118). A característica ativa da forma, a matéria como passiva, satisfazem a ordem que supõe hierarquia social.

Voltando-nos a Marx, considerando as resistências mencionadas no início deste texto, é preciso ter em conta que, em *O capital*, trabalho e trabalhador aparecem de forma recorrente e, na grande

maioria das vezes, em função da análise do sistema capitalista, da formação do valor, da produção do capital. O trabalho é pensado em relação ao capital.

Mas há passagens muito interessantes em textos menos explorados, como nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, que só vieram a ser publicados em 1932, na União Soviética. Ou em *A ideologia alemã*, escrita em conjunto com Engels, em que fragmentos e anotações foram suprimidos das edições anteriores à pré-publicação no *Marx-Engels-Jahrbuch* dos manuscritos do capítulo I, em 2003.

Temos ainda os *Grundrisse* (esboços), que correspondem aos manuscritos escritos de 1857 a 1858. E os *Manuscritos de 1861-1863*, 23 cadernos de onde saiu o material para os livros II e III de *O capital*, publicados por Engels, sendo que os cadernos V, XIX e XX ficaram 'esquecidos' e tratam, justamente, da análise da mais-valia relativa, do desenvolvimento das máquinas e do emprego das forças naturais e da ciência no processo produtivo.

Neste material é possível encontrar um Marx estudioso da tecnologia (Cf. Silva, 2014), que percebe o momento em que a habilidade passa para a máquina, construída conforme o modo capitalista de produção, através de leis científicas desconhecidas pelo trabalhador.

Sendo construída para reduzir o tempo de produção da mercadoria, a máquina não é pensada para poupar trabalho, ou dispêndio de energia, não possibilita uma comunicação com o humano em que sua percepção possa estabelecer uma relação sinérgica. A separação entre a execução e o planejamento ou o conhecimento da máquina também é diretamente apontada pelo pensador. A ciência passa a ser um negócio.

O autor alemão também leva em consideração a necessidade do desenvolvimento das forças produtivas e como este consiste no desenvolvimento dos indivíduos. Não tolerará a situação de dominação social e a servidão experimentada pelo homem enquanto trabalhador – o que é amplamente conhecido –, mas em *A ideologia alemã*, escreve com Engels que, junto com a propriedade privada, **o trabalho precisa ser superado, deve ser realizado como auto-atividade (*selbsttätig*)**.

Segundo os autores, os indivíduos singulares posicionam-se uns contra os outros na concorrência e formam uma classe somente no processo de lutar contra uma outra classe.

Por outro lado, a classe se autonomiza, por sua vez, em face dos indivíduos, de modo que estes encontram suas condições de vida predestinadas e recebem já pronta da classe a sua posição na vida e, com isso, seu desenvolvimento pessoal; são subsumidos a ela. É o mesmo fenômeno que o da subsunção dos indivíduos singulares à divisão do trabalho e ele só pode ser suprimido pela superação da propriedade privada e do próprio trabalho (Marx, Engels, 2009, p. 63-64).

E adiante:

O trabalho, único vínculo que os indivíduos ainda mantêm com as forças produtivas e com sua própria existência, perdeu para eles toda aparência de auto-atividade e só conserva sua vida definindo-a. Enquanto, em períodos precedentes, a auto-atividade e a produção da vida material estavam separadas pelo único fato de que elas incumbiam a pessoas diferentes e que a produção da vida material, devida à limitação dos próprios indivíduos, era concebida ainda como uma forma inferior de auto-atividade, agora a auto-atividade e a produção da vida material se encontram tão separadas que a vida material aparece como a finalidade, e a criação da vida material, o trabalho (que é, agora, a única forma possível mas, como veremos, negativa, da auto-atividade), aparece como meio (Marx, Engels, 2009, p. 72-73).

Vemos a distinção entre trabalho e auto-atividade. Com a grande indústria, o trabalho é a única forma possível de auto-atividade, mas o trabalho como meio de criação da vida material – a vida material como finalidade – é a forma negativa da auto-atividade.

Temos acima algumas aproximações entre Marx e Simondon. Muriel Combes, leitora aguda da obra dos dois filósofos, comentou que "Simondon é muito mais próximo de Marx do que ele pensa" (Combes, 1999, p. 119). E, ao fazer essa afirmação, a autora se referia, 'apenas', à análise de Marx da relação dos homens com a natureza, não abordando técnica e trabalho, como é possível a partir dos textos acima mencionados.

Assim, quando declara que 'a relação limitada dos homens com a natureza condiciona a relação limitada entre si, e a relação limitada dos homens entre si condiciona sua relação limitada com a natureza', Marx propõe uma análise das relações dos homens com a natureza que ressoa com aquela, posterior, de Simondon. Em particular, esta passagem de Marx lembra a crítica que Simondon endereça ao projeto de dominação tecnocrática da natureza (Combes, 1999, p. 120)<sup>8</sup>.

Segundo a filósofa, em Simondon também é porque a dominação é primeiro do homem sobre a natureza (o portador de forma sobre a matéria concebida como amorfa) que ela pode se tornar dominação do homem (como proprietário da matéria e mestre da forma) sobre o homem (como trabalhador que reúne forma e matéria por seu trabalho, ou melhor, por sua energia muscular).

Para Simondon, somente uma saída do paradigma do trabalho pode permitir aos homens transformar sua relação inadequada com a técnica, a natureza e entre si. O trabalho

---

<sup>8</sup> Combes cita Marx a partir de *A ideologia alemã*, edição francesa publicada pelas *Éditions sociales* (Marx, Engels, 2012, p. 90, n. 1). O trecho em francês diz que "*le comportement borné des hommes en face de la nature conditionne leur comportement borné entre eux, et (...) leur comportement borné entre eux conditionne à son tour leurs rapports bornés avec la nature*". Trata-se de um comentário, uma anotação de Marx no manuscrito. Optei por citar o trecho conforme a edição brasileira utilizada mais amplamente na redação deste texto, pois utiliza o termo 'relação' (Cf. Marx, Engels, 2009, p. 35, n. c).

deve devir atividade técnica, pois somente a partir dela que tais relações podem ser reinventadas. A atividade técnica como modelo da relação coletiva, a relação com o objeto técnico só se torna adequada na medida em que faz existir essa realidade interindividual coletiva, pois cria um acoplamento entre as capacidades inventivas de vários sujeitos <sup>9</sup>.

### **Considerações finais**

Com percursos e ênfases diferentes, a crítica da economia política de Marx e a filosofia não autocrática de Simondon, permitem uma reflexão sobre o humano, sua relação com a técnica, a natureza e entre si. Para isso, faz-se necessário considerá-los para além de um teórico da economia ou um pensador da técnica.

A condição de trabalhador vai muito além da situação de não propriedade dos meios de produção. As relações estabelecidas com a natureza, com a técnica, a matéria e o objeto do trabalho, o privilégio dos fins sobre os meios, precisam ser problematizados para pensar uma superação das negatividades, para pensar uma situação em que a vida não espere enquanto se realiza o trabalho.

As máquinas, os indivíduos técnicos, e a relação com eles precisam ser considerados, pois por um lado o desenvolvimento das forças produtivas, prioritariamente máquinas desenvolvidas conforme o modo capitalista de produção, é um dos fatores fundamentais para o quadro de desemprego, de pessoas vistas como descartáveis, por outro, é justamente o que consiste numa oportunidade de liberação da necessidade e da condenação ocidental ao trabalho.

A relação com as máquinas e a natureza precisa ser transformada e isso não parece possível dentro da matriz do trabalho. Porém, tal afirmação não busca desvalorizar o trabalho, mas, ao contrário, ressignificá-lo.

Sabemos como a dimensão do humano é tratada na produção: o planejamento para minimizar os desvios humanos

---

<sup>9</sup> Cf. Combes, 1999, p. 125-6; Simondon, 1989, p. 245 ss; Simondon, 2008: 261 ss.

considerados como falhas, a busca por substituir o humano por tecnologia, visando um desempenho que é dado pela velocidade na produção de homogeneidades, a falta de estímulo e mesmo a supressão daquilo que é propriamente vivo, a saber a invenção e, quando ela, de certa forma, ocorre em funções em que a criatividade é estimulada, encontra-se voltada a atender à mercadoria e ao capital, 'criando', por exemplo, fórmulas de obsolescência programada para estimular o consumo.

Ora, verificar que certas qualidades humanas são indesejáveis na produção 'conforme o modo capitalista de produção', constatar que reduzir o trabalho vivo não significa somente diminuir o número de pessoas empregadas, destacar como potências do humano são contidas na maneira como o trabalho é encarado, não tem a intenção de desvalorizar o trabalho. A busca é justamente por valorizá-lo, por encontrar em que circunstâncias o trabalho seria realmente expressão humana. Mas acontece que, nesse movimento, o trabalho é reposicionado. Ao considerar a interação do humano com a natureza e o mundo técnico, ele devém auto-atividade e atividade técnica.

## **Referências**

CHATEAU, Jean-Yves. **Le vocabulaire de Simondon**. Paris: Elipses, 2008.

COMBES, Muriel. **Simondon - individu et collectivité: pour une philosophie du transindividuel**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

FRIEDMANN, George. **Le travail en miettes**. Paris: Gallimard, 1964.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARX, Karl. **Capital y tecnologia: manuscritos inéditos (1861-1863)**. México D.F.: Terra Nova, 1980.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, (Col. Os Economistas), V. 1, Tomos 1 e 2, 1996.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **L'idéologie allemande**. France: Les éditions sociales, 2012.

MÜLLER, Heiner. **Kalkfell Für Heiner Müller**. HORNIGK, Frank; LINZER, Martin; RADDATZ, Frank; STORCH, Wolfgang; TESCHKE, Holger (eds.). Berlim: 1996. (entrevista com tradução de M. Soledad Lagos-Kassai)

NOVO, Maria Fernanda. Subjetivação e identidade: implicações do transindividual em Simondon. Revista dois pontos. Curitiba, São Carlos, v. 16, n. 3, p. 27-34, julho de 2019.

SILVA, Rafael Alves da. **O trabalhador do futuro ou o futuro do humano**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1623278>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Editions Aubier, 1989.

SIMONDON, Gilbert. **L'individuation à la lumière des notions de formes et d'information**. Paris: Jérôme Millon, 2005a.

SIMONDON, Gilbert. Invention et Créativité. 1976. In: SIMONDON, Gilbert. **L'invention des techniques: cours et conférences**. Paris: Seuil, 2005b. p. 327- 343.

SIMONDON, Gilbert. L'invention dans les techniques. 1971. In: SIMONDON, Gilbert p. **L'invention dans les techniques: cours et conférences**. Paris: Seuil, 2005c. p. 230-272.

SIMONDON, Gilbert. Imagination et invention. 1965-1966. In: SIMONDON, Gilbert. **L'invention des techniques: cours et conférences**. Paris: Seuil, 2005d. p. 275-303.